

COPOM ■ Próxima reunião coloca monetaristas em xeque

Desenvolvimentistas miram de novo no BC

ARQUIVO

**Fernando Nakagawa e
Valderez Caetano**

■ BRASÍLIA. A guerra entre desenvolvimentistas e monetaristas pelo comando da política econômica está prestes a recrudesce. Ensaída nos bastidores, só aguarda a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, sobre a taxa básica de juros (Selic) no fim do mês, para ganhar ares públicos, retomando um cenário de disputa que marcou não só o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como do antecessor Fernando Henrique Cardoso.

Analistas do mercado financeiro esperam corte de 0,25 ponto da Selic, posição que já foi defendida por três dos oito diretores da autoridade monetária na última reunião sobre o tema, em novembro. Integran-tes da equipe econômica acham pouco. Querem a manutenção do ritmo de redução de 0,5 ponto, a fim de dar fôlego ao crescimento da economia.

Sem sugerir um percentual, o secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, se diz otimista na manutenção do ritmo de redução.

— A continuidade na queda do juro é um condicionante essencial para viabilizar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) — diz Barbosa, referindo-se às medidas que o presidente Lula anunciará na tentativa de alcançar a meta de expansão do PIB de 5% ao ano entre 2007 e 2010.

— O ritmo da queda é do Banco Central, mas existe espaço para continuar a reduzir.

O chefe do escritório do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social



Guido Mantega lidera grupo desenvolvimentista do governo

(BNDES) em Brasília, Antônio Prado, segue a mesma linha. Declara que o cenário atual é o melhor possível para continuar a baixar a taxa de juros real. Diz que uma redução de 0,5 ponto seria de bom tamanho.

— O fato de o ministro Guido Mantega ser desenvolvimentista faz com que tenha alguém no governo trabalhando na direção esperada — afirma Prado.

Além de Mantega, o time de desenvolvimentistas conta, por exemplo, com o ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, e a chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff.

O grupo prega a queda acelerada do juro como combustí-

vel para a economia. Critica o suposto conservadorismo do Banco Central na condução da política monetária. Os alvos preferenciais dos ataques têm sido o presidente do banco, Henrique Meirelles, e o diretor de Política Econômica, Afonso Bevilacqua. Fustigados por colegas de governo, os dois contam com o apoio do mercado financeiro.

— O juro já caiu 6,5 pontos — diz Alexandre Póvoa, diretor da Modal Asset Management. — É natural cair mais devagar para que o Banco Central possa sentir a reação da economia.